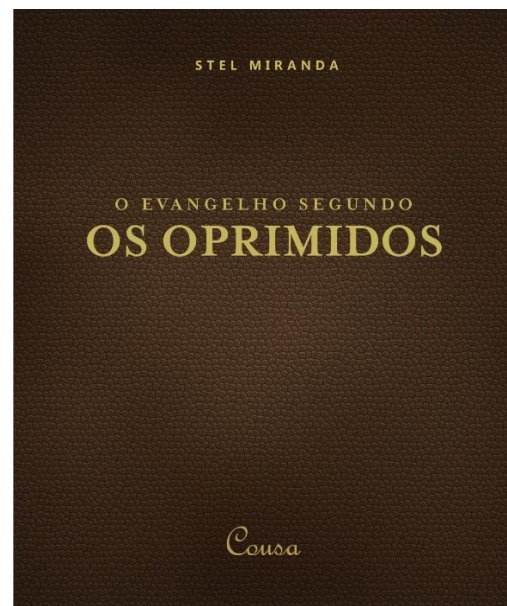


MIRANDA, Stel. *O evangelho segundo os oprimidos*. Vitória: Cousa, 2020.

Paulo Dutra*



Nascido em 1982 no Espírito Santo, Stel Miranda é cria da grande São Pedro, região periférica da cidade de Vitória. Talvez o estigma de “lugar de toda pobreza”, que deu título àquele documentário de Amylton de Almeida, de 1983, ainda seja a única referência para os que não conheçam esse

* Doutor em Literatura Latino-americana pela Purdue University (PU).

cenário que fica “do lado de lá” da ilha de Vitória. Entretanto, para aqueles que o conhecem e sobretudo para nós que somos de lá, a única pobreza que ali já habitou um dia foi a falta de grana, porque a grande São Pedro é o lugar de toda riqueza – entenda-se o termo aqui em suas mais diversas acepções ainda que talvez não na monetária –, um espaço que se cria e se renova no cotidiano.

Dentre as variadas joias que a região produziu, apesar de todas as marés, grata, mas de forma nenhuma uma surpresa, está esse escritor, produtor e ativista cultural/social. Autor de fanzines que transitam entre a poesia e a prosa, entre o poema e o conto, neste seu livro de estreia, *O evangelho segundo os oprimidos*, em uma editora, Miranda mostra sua faceta híbrida com poemas-contos e contos-poemas que dialogam com o fazer literário – suas instituições e modelos – e, principalmente com o uso da palavra, já que, ao contrário do verbo que se fez carne e habitou entre nós, aqui a carne se faz verbo e procura se distanciar de determinados nós. Nestes dias em que o termo experimental é banalizado em referências pedantes a romances contemporâneos cuja tradição data de 1605 com a publicação de *Dom Quixote* e que, ainda assim, são, vira e mexe, chamados experimentais, por alguma razão que só se explica em termos de uma elite esnobe que não tem mais nada a dizer e por isso imagina que ainda se pode experimentar com um gênero quadricentenário, *O evangelho segundo os oprimidos* recobra o valor e sentido original do termo.

Fartamente rimado, o primeiro poema-conto elimina a métrica e se encaixa na formatação que a ferramenta de “justificar” do software de edição de texto proporciona, ou impõe; além da disposição do texto em colunas. E claro está que tais escolhas cobram valor estético que justifica até mesmo o tema tratado e estabelece seus pilares se atentamos para seu título: “O livro dos lamentos (em ações)”, explícita paródia do livro bíblico. As rimas estão, literalmente, por toda parte e dão o ritmo e tom sarcástico desses lamentos em ações que parodiam a linguagem e as fórmulas das traduções para a língua portuguesa dos textos bíblicos criando uma tensão entre o arcaico (portanto, supostamente erudito) e o contemporâneo.

Já totalmente livres no espaço da página – ainda que emparedados entre o primeiro bloco de texto, “O livro dos lamentos (em ações)” e o último, “O evangelho de Al Margin” –, os poemas de “O livro das odes”, multiformes e deliciosos, se não parodiam a linguagem em si, abusam da ironia em dose cavalgar. Como exemplo disso, o poema “Getsêmani”, em que as últimas horas de agonia passadas no jardim antes da condenação e em “comunhão com o Pai” narradas nos evangelhos tornam-se uma deliciosamente irônica carta ao pai kafikiana: “Pai, vou morrer, mas sem querer / Não há nada que eu possa fazer / Mas, mesmo se for s0 pra te engrandecer / Saiba, que quem mais errou, foi você” (MIRANDA, 2020, p. 22).

O já citado conto-poema “O evangelho de Al Margin”, que, apesar de não se preocupar com rimas, cobra tal status uma vez que compartilha a forma e a fôrma de “O livro dos lamentos (em ações)” em seu encaixotamento visual, fecha o volume em fina prosa que apura a consciência linguística do poeta. Neste texto, que talvez seja de fato o ponto mais alto do livro, uma vez mais, e de maneira mais incisiva, a linguagem é o centro da construção. Uma mescla aprazível de arcaísmos, sintaxes extraídas da oralidade, expressões coloquiais, corruptelas das formas arcaicas e invenções a partir destas – que fazem lembrar, ainda que só por um instante a paródia machadiana “Na arca: três capítulos inéditos do Gênesis” – forma a base do absurdo social que se narra. E cabe destacar que a linguagem mais cotidiana e contemporânea, e provavelmente vista pelos puritanos como indigna de ser chamada literária, é exaltada; enquanto que a sua companheira, a arcaica, é destrinchada para que se revele seu caráter absurdo de suposta criadora do mundo. Miranda sabe que qualquer linguagem é capaz de criar mundos, todavia, o autor também sabe que a única linguagem capaz de criar o (nosso) mundo é a nossa linguagem contemporânea e cotidiana.

Para nós que somos da grande São Pedro; aliás, região abundante em epônimos afins a este livro (Santo André, Resistência, Redenção, Nova Palestina), a linguagem que cria nosso mundo é a nossa linguagem e é dela que lança mão Stel Miranda para criar esse mundo, que a partir de agora também pode ser o seu. Mesmo se quando você abrir esse livro, que ora elogio e recomendo, o faça

com a intenção apriorística, pressagiada pelo autor, de “achar um revolucionário, um agitador, um antifé, ou mais um que grita pra mudar o mundo ou algo nele” (p. 6) em suas páginas, de maneira nenhuma, perderá seu tempo, como profetiza o autor. Anote aí: Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão, nem tampouco a carne que se fez palavras nesse livro de Stel Miranda passará.

Recebida em: 17 de março de 2022.
Aprovada em: 06 de junho de 2022.